

# "Incelência" de Wladimir ganha troféu

—O filme cultural no Brasil não poderá continuar vivendo só às expensas dos raros festivais de cinema que são iniciativas isoladas e os prêmios oferecidos nunca dão para cobrir os gastos de produção — afirma Vladimir Carvalho, vencedor da Jornada Nordestina de Curta-metragem realizada de 9 a 15 de setembro na Bahia, com o filme "Incelência para um trem-de-ferro" que recebeu o troféu Humberto Mauro correspondente ao melhor filme em 35 mm.

Vladimir, que é documentarista conhecido de vários outros festivais de cinema pela sua participação e prêmios recebidos, afirma que no Brasil se produz anualmente uma média de 60 filmes de curta-metragem, mas somente um terço dessa produção chega a ser mostrada ao público. Explica que isto se deve a falta de uma fiscalização rigorosa por parte do Instituto Nacional do Cinema (INC) e pela indiferença e má vontade dos exibidores, que consideram o filme curto como artigo de pouco lucro, ao contrário dos cinejornais de matéria paga. Acrescenta que o INC, como órgão que expede os certificados de exibição obrigatória para filmes curtos considerados de categoria especial, devia ser o próprio arrecadador da renda que cabe ao produtor desses filmes. Para o cineasta, que também é professor de Jornalismo Cinematográfico no Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, por uma questão de "inversão de valores, o lucro se sobrepôs aos valores sociais mais autênticos e necessários, como é o caso da educação e da cultura". Sugere a utilização do cinema como meio didático, tomando-se como apoio as estruturas das universidades e dos diversos institutos de estudos, da empresa pública e privada. Afirma que o documentário cinematográfico deveria ser matéria de interesse público, porque é um instrumento largamente utilizado em outros países como meio de educação, de pesquisa e de divulgação cultural. Sobre a televisão brasileira, Vladimir afirma que ela tem sido "um monstro de entorpecimento público" e que deveria pagar parte de seus pecados, exibindo de forma intensa, filmes que se ocupam de temas de interesse cultural. Afirma ainda que "os prêmios, os raros faturamentos de bilheteria e aluguéis de filmes documentários para exibição, ou não são suficientes

para cobrir nem um terço das despesas de produção de um filme de curta-metragem e que os documentaristas brasileiros são seus próprios mecenas, pois autofinanciam suas produções, que na maioria das vezes dão prejuízo, razão pela qual muitos cinegrafistas deixam o documentário pelo gênero de filmes licenciosos e de comédias chulas, muito em voga no cinema atual, bastante carente de valores".

Vladimir afirma que no Brasil, apesar de existir por parte do Instituto Nacional do Cinema uma legislação em favor do filme cultural, que prevê a obrigatoriedade de 35 dias de exibição por ano em cada cinema e a ajuda de 50 salários mínimos para produtores de filmes aprovados pelo INC, torna-se necessário estabelecer-se uma política que direcione recursos de vários organismos no sentido de fazer com que o cinema documental participe dos grandes projetos nacionais. Cita o caso de alguns países como os Estados Unidos, onde a empresa privada foi levada a colaborar patrocinando filmes documentários de conteúdo cultural e educativo, ampliando assim o mercado de trabalho para os documentaristas.

## FILME PREMIADO

"Incelência para um trem de ferro", rodado a cores e em 35 mm com 25 minutos de duração, fotografado por Valter Carvalho e musicado por Luiz Gonzaga com a música "Vira-e-mexe" e pela Orquestra Armorial de Recife é o documentário que deu a Vladimir o troféu "Humberto Mauro" e o prêmio de seis mil cruzeiros na Jornada Nordestina de Curta-metragem, realizada em Salvador. O filme foi rodado no interior da Paraíba e trata - segundo o autor - do desaparecimento do trem-de-ferro no interior do Nordeste, a velha "maria-fumaça" movida à lenha e água, e pela substituição do transporte ferroviário pelos caminhões. Durante o filme são apresentados depoimentos de usineiros, maquinistas e lavradores sobre suas relações com o trem de ferro. O trem afirma Vladimir - queimou quase toda a lenha retirada das matas e vales úmidos do Nordeste, contribuindo assim para o desmatamento de uma região já in-

teiramente assolada pelo fenômeno das secas. O próprio trem-de-ferro foi uma vítima do desmatamento, e agora está sendo substituído pelos caminhões que trafegam nas rodovias nordestinas - acrescenta.

Quanto ao termo "incelência", que aparece como título do filme, Vladimir explica que é uma corruptela da palavra "excelência", referindo-se aqui, não ao tratamento de pessoas de prestígio, mas aos cânticos fúnebres entoados no interior do Nordeste, para facilitar aos mortos a sua entrada no céu. "Incelência para um trem-de-ferro" seria um réquiem para o trem, contado no decorrer do filme através de depoimentos de velhos maquinistas, usineiros, lavradores e populares.

Sobre a realização de seu filme, o autor explica que não teve nenhuma dificuldade tanto na produção como no tratamento da linguagem devido a sua grande vivência nos sertões nordestinos e o fato de ter nascido na cidade de Itabaiana, interior da Paraíba, onde existe um entroncamento de várias ferrovias que serviam ao transporte de gado para outras regiões. Acrescenta que o cinema brasileiro é muito parco de títulos que realmente traduzem a realidade social e humana do Nordeste e atribui a causa disto à pobreza de produção, à pressa e o desconhecimento dessas vivências imprescindíveis para se fazer um trabalho que aborde com profundidade a temática nordestina. Faz excessão aos filmes "Vidas Secas" e "Deus e o diabo na terra do sol".

Ex-critico de cinema, cineclubista, roteirista assistente de direção; formado em Filosofia e atualmente professor de Jornalismo cinematográfico na UnB, Vladimir Carvalho iniciou sua carreira como roteirista do filme "Arquanda" realizado em 1960, dirigido por Lindamarte Noronha. Este filme foi posteriormente considerado por Gláuber Rocha como "o marco do documentário brasileiro".

Em 1962 dirigiu com João Ramiro Melo "Romeiros da Guia", apresentado no Festival de Curta-metragem da Bahia, no mesmo ano, e no Festival de Sestri Levante, Itália, onde recebeu "Menção Honrosa" em 1963. Volta em 1968 com "A

Bolandeira", prêmio do Festival de Manaus como melhor direção e prêmio do Clube de Cinema no Festival de Brasília, de 1969. Segundo o autor, "A Bolandeira" retrata os últimos engenhos de moer cana, puxados a bois e que ainda estão em atividade no interior do Nordeste.

Em 1971 foi premiado no 1º Festival Brasileiro de Curta-metragem do Rio de Janeiro com "Vestibular 70", "uma crítica do exame vestibular, onde aparecem cerca de seis mil estudantes na tentativa de ingressar em uma Universidade".

"Pais de São Saruê", filme que chegou a ser escolhido para representar o Brasil na Semana de Realizadores no Festival de Cannes em 1972, é descrito pelo autor como "um painel em longa metragem sobre a odisséia do sertanejo para colonizar as terras secas do Nordeste".

Sobre a Jornada de Curta metragem realizada em Salvador, Vladimir afirma que é um reconhecimento da importância do filme de curta metragem como veículo de divulgação cultural e meio didático e uma iniciativa de descentralizar o cinema brasileiro do eixo Rio-São Paulo, além de um incentivo aos filmes sobre o Nordeste brasileiro.

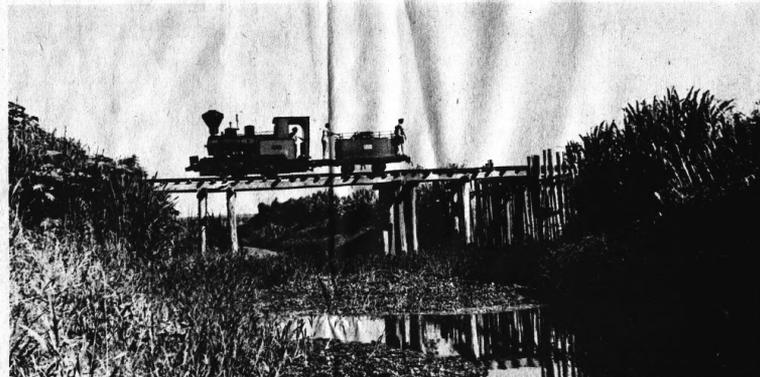
Seu próximo filme já está sendo rodado e trata-se de um documentário sobre a cidade histórica de Goiás, atual Goiás Velho. Divide a direção com o professor Heinz Forthmann da UnB e contará com a colaboração de alunos do Departamento de Comunicação que cursam o bloco de Jornalismo Cinematográfico. A realização do filme se deve a assinatura de um convênio entre a UnB e o INC. Informa Vladimir que o filme é um documentário sobre a formação do antigo burgo fundado por Bartolomeu Bueno - "O Anhangüera", desde a descoberta do ouro e diamantes na região do Rio Vermelho e que levou para Goiás outros bandeirantes e colonos que fundaram as primeiras fazendas de gado em Goiás.

A modificação da arquitetura barroca da cidade de Goiás Velho pelo "modernismo" e as danças folclóricas de Goiás, como a "catira", também serão mostradas. Como pesquisadora e como estudiosa da cidade de Goiás, será convidada a poetisa Cora Carolina "figura destacada das letras goianas".

humano e a dignidade que há nele"



O vencedor, "Incelência para um trem de ferro"



Vladimir — "o mais importante é mostrar o trabalho..."

